

ESTUDO DE CASO – IMPACTO FULMINANTE

Marília Teresa Teixeira Gontijo Cardoso

Tenente Psicóloga da PMMG

Colaboradores:

Adão Carlos da Silva

Capitão da PMMG

João Luís da Silva

Tenente da PMMG

INTRODUÇÃO

A violência, em todas as suas facetas, é francamente repudiada pela sociedade de uma forma global. A vida em comunidade requer uma constante busca de harmonia. Para tanto, congrega os esforços dos diversos órgãos de defesa social.

Neste contexto, a Polícia Militar materializa-se como um desaguadouro natural dos anseios da população, numa constante busca por uma segurança pública cada vez mais eficiente e eficaz.

Por vezes, contudo, deparamo-nos com a violência inserida no próprio meio militar comprometendo, assim, o maior patrimônio de tão grandiosa Instituição, ou seja, seu público interno e abalando atrevidamente os pilares que a sustentam.

De repente, surpreendemo-nos com um de nossos representantes da segurança e ordem pública transformado em agente e vítima da violência ao precipitar tamanha catástrofe num pequeno lugarejo - Distrito de B. - que hoje vive o espanto e a indignação.

A PMMG, ao longo dos anos, conquistou, através de seus esforços e trabalho comprometido, um bom nível de credibilidade dentro da Corporação. Honrando, pois, com altivez sua doutrina e buscando encetar seus objetivos, a PMMG não se ausenta neste momento de tragédia e nem se omite de analisar criteriosamente tão funesto acontecimento.

É através deste estudo que ora iniciamos que buscaremos traduzir tão altos e estridentes sons que, num impacto fulminante, ecoaram sem muito mais a dizer...

EXPOSIÇÃO DOS FATOS

ANTECEDENTES

O ex-Soldado PM W. (Ex- Sd PM W.) apresentou-se no Distrito B., (SubDst. PM) para o qual foi removido por conveniência da disciplina, no dia 03 de janeiro de 1996, iniciando suas atividades naquele mesmo dia. Nesta data, o Sd PM R. (vítima do caso em questão) estava em gozo de suas férias, só retornando ao trabalho na véspera do trágico acontecimento.

Desde sua chegada ao SubDst. B, o Ex- Sd. W. manifestou seu repúdio de servir naquela localidade. Consta, por depoimentos de pessoas do local, que o Ex- Sd. W. era assíduo frequentador dos bares locais e contumaz consumidor de bebidas alcoólicas.

Em B., três dias antes do crime, o Ex- Sd. W. conheceu uma mulher E.M., com quem iniciou um relacionamento amoroso íntimo. E foi na casa de E.M. que, no dia 17 de janeiro 1996, por volta das 16:00 horas chegou o Ex- Sd. W., completamente embriagado e transtornado, dizendo que iria fazer uma loucura e, ainda, que não queria ficar sozinho no Quartel. Estava em trajes civis e armado de revólver.

Por volta das 19:00 horas, W. pediu a E.M. que telefonasse para seus pais em B. D. (cidade de origem), e pedisse a eles que fossem buscá-lo, pois não estava se sentindo bem, e disse, ainda, que iria fazer uma “besteira”.

Contato telefônico é feito, porém os pais de W. alegaram que não tinham meios para buscá-lo.

De volta do posto telefônico, E.M. passou na casa do Sd. R. e, não o encontrando, deixou recado com a esposa do PM para que ele fosse buscar W., alertando que ele estava embriagado e armado.

Chegando a casa, E.M. comunicou a W. que seus pais não iriam buscá-lo. Recebendo esta notícia, W. sai em direção à BR, situada cerca de 500 metros da casa da amásia. Diante dessa atitude, E.M. resolveu ir dispensar o chamado da polícia.

Passada uma meia hora, quando E.M. retornou para casa, encontrou o Ex- Sd. PM W. esmurrando as portas e janelas de sua casa. Quis correr, porém foi agarrada e empurrada para dentro da casa, para onde também foram os três filhos de E.M.

De repente, W. ficou mais estranho: bate várias vezes com a cabeça na parede e fala palavras sem nexos.

E.M. mandou sua filha novamente à casa do Sd. PM R. para providências contra W.

Por volta das 20:30 horas o Sd. PM R. fez contatos telefônicos com o Pel. PM, sendo orientado pelo radiooperador que avaliasse a situação e caso necessário pedisse reforço ao Pelotão PM.

Às 20:40 horas, o Sd. PM R. dirigiu-se ao local da ocorrência para o cumprimento de seu dever.

O FATO PROPRIAMENTE DITO

Sd PM R. foi ao local da ocorrência fardado e armado, utilizando seu próprio veículo. Estacionou-o defronte da casa, desceu do veículo e encaminhou-se para a casa.

O Ex- Sd. PM W., avistando o companheiro, questionou E.M. o porquê de tê-lo chamado, sacou da arma, apontou em direção a E.M. ameaçando-a de matá-la. Desistiu de completar a ameaça contra E.M., ocultou-se atrás da parede, lado esquerdo da porta, entrada principal, de forma a não ser visto pelo Sd. PM R.

O Sd. PM R. entrou pelo portão, encaminhou-se ao alpendre e antes de transpor a entrada foi alvejado com um tiro, disparado por W., a menos de 2 metros de distância, atingindo R. no braço direito, sem que houvesse qualquer diálogo entre os dois. Gravemente ferido, o Sd. PM R. recuou em direção ao portão de saída para rua, sem, contudo, esboçar qualquer reação, apesar de encontrar-se armado.

Depois de atirar no Sd. PM R., W. apontou a arma contra E.M. que, com o filho menor nos braços, conseguiu alcançar o quarto e fechar a porta, segurando-a com o próprio corpo.

Ex- Sd. PM W. tentou de todas as formas arrombar a porta, mas não conseguiu seu intento.

Instantes após, E.M. ouviu um disparo, seguido de mais um e um grito de W. Aguardou alguns instantes e decidiu fugir pela janela, com medo de que os disparos e o grito fossem um ardil de W. para que esta abrisse a porta do quarto.

Ao chegar à rua, E.M. deparou com o Sd. PM R. na rua, próximo ao portão de sua casa, ocasião em que o Sd pediu-lhe que telefonasse para o Pelotão PM comunicando o ocorrido e dizendo ainda que estava muito ferido.

Após telefonar, E.M. retornou à sua casa, onde viu o Sd. PM R. sendo socorrido por populares em seu próprio veículo.

Minutos após, a viatura do Pel. PM compareceu àquele local, fez o cerco e após chamarem pelo Ex- Sd. PM W., sem que houvesse resposta, fizeram a abordagem. Encontraram-no caído no chão da cozinha da casa, baleado no abdome e desmaiado. Próximo ao corpo, estava a arma do crime com 3 cartuchos deflagrados e 3 intactos.

Incontinentemente, a guarnição colocou o Ex Sd PM W. dentro da viatura, conduzindo-o para o Hospital. O local do crime ficou a mercê de curiosos que o invadiram e o descaracterizaram.

Sd PM R., socorrido por terceiros, foi também conduzido ao Hospital, vindo a falecer às 00:15 horas de 18 janeiro de 1996. O Ex- Sd. PM W. chegou a ser operado, mas também não resistiu aos ferimentos, vindo a falecer às 04:00 horas de 18 de janeiro de 1996.

ANÁLISE DOS DADOS DO AUTOR SD PM W.

INCLUSÃO NA PMMG

O Sd PM W. tentou, por diversas vezes, incorporar-se às fileiras da PMMG, sendo reprovado pelos exames laboratoriais em uma de suas tentativas e, nas outras, na entrevista, tendo em vista o fato de ter se envolvido numa ocorrência em que chegou a agredir fisicamente um policial militar, agressão que resultou em uma prisão por uma noite.

Mesmo de posse de tal informação, o Relatório de Investigação Social, assinado pelo agente da P/2, sobre a vida pregressa do Sd. PM W., não relaciona nada que pudesse impedir sua entrada para a Corporação. Segundo consta em seu Relatório, o candidato nunca fora visto em companhia de marginais e nem costumava freqüentar bares e botequins. Nada também fora constatado quanto ao possível uso de bebidas alcoólicas, a estado de embriaguez alcoólica ou referente ao uso de tóxicos.

Na sua passagem pelo E.B. (Tiro de Guerra), não trouxe problemas e nada fora detectado pela Investigação Social a respeito de alterações na personalidade do candidato.

O exame psicológico o classifica como candidato “indicado com restrição”, classificação segunda numa escala de aptidão. Seu laudo psicológico fala de um indivíduo com bom nível cognitivo e capacidade criativa, com energia para superar obstáculos, relevando-se um sujeito produtivo, persistente e empenhado em seu próprio crescimento. Contudo, um indivíduo que tenta compensar, através da racionalidade e de outros mecanismos, sua fragilidade egóica, insegurança e necessidade de proteção. Dependente da aprovação

social, é alguém que busca adaptar-se ao meio, estabelecendo bons contatos interpessoais. Apresenta também alguma dificuldade em exercer controle sobre seus impulsos, embora a agressividade e a impulsividade estivessem, no momento em que prestou exames psicológicos, controlados. Revela ainda, através do traçado, dados sugestivos de sua personalidade alcoólatra. Tendo em vista a baixa qualidade dos candidatos no CFSd, é aprovado relativamente num bom conceito.

Como no Fórum, Delegacia de Polícia, SPC, Escolas, locais de trabalho, assim como nas informações obtidas através de vizinhos e policiais militares nada se encontrou que desabonasse o candidato a ingressar nas fileiras da PMMG e, tendo sido aprovado em todos os testes e exames, passa o então Sd PM 2ª Classe W., a partir de novembro de 1994, a freqüentar as aulas do Curso de Formação de Soldados.

MOVIMENTAÇÕES

Concluindo o CFSd em julho de 1995, o Sd PM W. foi homenageado por ter conquistado o 1º lugar geral do Curso, conquista esta que era promessa sua desde a admissão na PM e que o levou a passar noites estudando para alcançar tal objetivo. Também como segundo aluno mais votado pelos professores e instrutores para o título de “Aluno Modelo do CFSd”, teve o privilégio de ser atendido em sua reivindicação para pertencer ao 1/50ª Cia PM. O desejo de permanecer na sede da OPM foi uma das molas propulsoras de seu excelente desempenho durante o curso.

Assim, fez parte do 1/50ª Cia PM até 1 de janeiro de 1996, quando foi removido, por conveniência da disciplina, para o distrito B. Lá permaneceu até o dia fatídico de 17 de janeiro de 1996.

VIDA FUNCIONAL X VIDA PARTICULAR

A vida particular de W. sempre foi muito conturbada, tanto no que diz respeito ao âmbito familiar, quanto ao aspecto profissional. Apesar de boas referências, W. não se firmava em seus empregos, repetindo sempre um intenso desejo de ser um policial militar. Do ponto de vista afetivo, tinha uma situação indefinida e desequilibrada, em que não era casado, também não era amasiado e, tão pouco, poderia se considerar solteiro, uma vez que freqüentava assiduamente a casa de S., responsabilizava-se por parte de suas despesas e com quem tinha 2 filhos, estando a mesma grávida de um terceiro.

Vindo de uma família bem conceituada, sabe-se que W. não se relacionava bem com seus genitores, especialmente com o pai e tinha divergências expressivas com seus irmãos.

Mas W. tinha um sonho... Sonho este que se transformou num ideal de vida a ser perseguido veementemente: ser um policial militar. Tendo enfrentado tamanha dificuldade para conseguir que se abrissem as portas desta Instituição para sua formação militar, este sonho provavelmente tornara-se grandioso, mais precioso, transformando-se na carcaça a sustentar um ser que, se antes perdido, agora encontrado, decidido e fortalecido. Tudo o que se constituía motivo de descontrole emocional, agora se torna inexpressivo diante do motivo maior: ser um PM. No transcorrer de seu “Curso de Formação de Soldado” apresentou-se sempre como bom aluno, interessado nas aulas, estudioso, responsável, líder da turma, tendo sempre iniciativas para o que se fazia necessário. Em nada deixou que sua vida particular afetasse o percurso do caminho em busca do seu ideal. Estudando noites a fio, mostrando-se sempre enquadrado, exemplar, digno... chegou lá! Primeiro do curso, quase aluno modelo, organizador do grande dia em que se confraternizaram com a certeza da missão cumprida, do sonho realizado.

Fazendo parte do 1/50ª Cia PM, tinha excelente apresentação pessoal, muito bem enquadrado em termos de disciplina e hierarquia e muito preciso em suas abordagens nas ocorrências policiais-militares em que atuou. Considerado um ótimo motorista, era freqüentemente escalado como motorista do CPU e

encarregava-se de trazer a viatura sempre limpa. Estimado e elogiado pelos seus companheiros de farda, conseguia um notável relacionamento interpessoal dentro da Corporação.

Em setembro de 1995, começa, para surpresa de todos, a se deteriorar aquele PM “Quase Modelo” que desempenhava tão bem seu trabalho. Por ordem do Comando da Unidade, foi aberta uma Sindicância Regular para apurar fatos de sua vida pessoal e faltas consideradas gravíssimas para a pessoa de um PM. Parte da carcaça se despedaça, sua vida pessoal começa a se refletir na vida profissional e tudo começa a se desmoronar.

Sua presumida “amásia” faz uma queixa contra W., acusando-o de deixar faltar o necessário para ela e seus filhos, o que foi corrigido após o fato ter chegado ao conhecimento da Administração da Unidade.

Pouco tempo depois, envolveu-se num acidente de carro em que seria culpado pela colisão. W. não parou no local do acidente e foi perseguido por J., senhor que dirigia o outro veículo envolvido no acidente. Quando foi alcançado, W. se identificou como PM, comprometendo-se a pagar os danos e a acompanhar o referido senhor, no dia seguinte, à oficina mecânica. No entanto, W. não retornou para casa neste dia, fez uso imoderado de bebida alcoólica, deslocando-se, no dia seguinte, para uma pequena cidade próxima, sem autorização de sua Cia e faltando, portanto, ao serviço. No percurso para esta cidade, voltou a bater o carro de seu tio, desta vez num barranco e, ainda assim, seguiu viagem.

Nessa pequena cidade, W. apresentou uma sucessão de deslizos, faltas gravíssimas não condizentes com a postura de um PM. Bêbado, por diversas vezes tirou proveito de sua condição de PM, comprometendo, assim, a imagem da Corporação.

No dia seguinte, foi removido para sua cidade de origem (sede de Batalhão) por seu pai e seu tio, proprietário do carro que dirigia, e internado no Hospital para soroterapia.

Em suas declarações, W. confirmou respeitosamente ao sindicante as acusações feitas contra o ele, arrependendo-se e reafirmando seu desejo de fazer carreira na PM. Justificou suas faltas por um descontrole psicológico/emocional, fruto de desentendimentos com S.

Da Sindicância Regular, resultou enquadramento disciplinar do Sd PM W. pelas faltas praticadas e evidenciadas e sua remoção por conveniência da disciplina. Também, o Cmt. do Batalhão determinou o acompanhamento da conduta profissional do Sd PM W., bem como da assistência de seus filhos menores, pelo Cmt. da Fração, com apresentação de relatório mensal.

Assim definido, W. foi removido para B. no dia 1º de janeiro de 1996. Essa movimentação deixou o referido Sd PM excessivamente contrariado. W. chegou a implorar ao Cmt da Cia PM para que intercedesse por ele junto ao Comando da Unidade, o que foi feito sem sucesso.

No entanto, de setembro/95 até a data em que se deu a remoção, W. tentou reconstruir sua imagem, executando seriamente seu trabalho e não deixando marcas que pudessem se reverter contra sua pessoa.

No terceiro dia do mês de janeiro, W. apresentou-se ao Cb PM, Cmt do Destacamento a que passou a pertencer. Durante os 15 dias em que prestou serviços ao pequeno Distrito B., consta que fazia uso constante e excessivo de bebida alcoólica e ligava diariamente para S., queixando-se de que não ia conseguir ficar lá. No entanto, também lá se envolveu com uma mulher, sendo ela mãe solteira de 3 filhos. Segundo informações, passou a quinzena em desorientação, apresentando condutas desviantes e atitudes desenfreadas.

A carcaça caiu por completo! E daí, o que resultou? Homicídio e suposto suicídio. O representante da ordem e segurança pública transformou-se, então, no Contra-Lei, na ameaça, no transgressor, por excelência, de toda a doutrina outrora tão obstinadamente almejada.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS

“Quem era, na verdade, W.? Seria aquele aluno modelo, militar vibrador, como era definido pelos seus companheiros de trabalho, ou seria ele um homicida e suicida em potencial?” E esta a questão que ora interroga a todos! É este o enigma que procuraremos desvendar.

Dando o primeiro passo, aparece-nos a imagem da criança. Como foi “W. criança”? Dizem: “Uma criança normal, como as outras. Muito travessa, custosa, dada a brincadeiras nas ruas, jogar bola...” Mas uma criança que possuía amigos, amigos estes que hoje dizem não terem notado nada de aberrante em seus costumes, ou em seu comportamento; “não era uma criança agressiva”. Na escola, era um aluno com rendimento satisfatório, apenas uma repetência na 6ª série.

De posse de escassas informações, pode-se inferir que era o filho mais velho de uma mãe protetora, carinhosa e de um pai de pouco diálogo e irmão de 4 outros garotos, pelos quais alimentava ciúmes e dificuldades no relacionamento.

Muito cedo, começa W. a fazer uso de bebida alcoólica, uso este descontrolado e dado muito importante para desvendar o mistério, pois a partir daqui falaremos de duas vertentes de uma mesma pessoa.

Sem uso de bebida, W. se mostrava uma pessoa gentil, educada, supostamente caminhava dentro dos parâmetros normais pelos quais as pessoas se guiam. Era brincalhão, sorridente, gozador, conquistava amigos e se relacionava bem fora de casa.

Porém, quando fazia uso de bebida alcoólica, perdia as rédeas... Descontrolava-se, bebia dias e dias e cometia atos ensandecidos. Era comum, quando começava a beber, que ele se juntasse aos bêbados do “calabouço” (rua da periferia de sua cidade) e por lá ficava pelas calçadas e bares até que sua família o retirasse da sarjeta e o internasse para soroterapia. Depois, talvez, passasse algum tempo significativo sem beber, até que, “por revolta” - dizia ele - voltava a cambaleiar de bar em bar.

O suspense está aqui! Perguntamos, então, como era este W. alcoolizado que, inevitavelmente, juntava-se ao outro W., o qual todos conheciam?

“W. bêbado” era “Oxum Caveira”. Ele se definia assim.

E, quem era “Oxum Caveira”?

Os espíritas diziam que ele estava incorporado por uma entidade do além e o definiam como “Medium”. A família, já sem explicações, comungava desta idéia, chegando a levá-lo por várias vezes ao Centro Espírita.

Mas, o que fazia “W. Oxum Caveira”? O próprio nome já causa certo espanto e, espanto maior, causa o comportamento de “Oxum Caveira”.

Travestido de “Oxum Caveira”, W. se cortava todo, sangrava dizendo que ia se matar. A casa não podia ter objetos cortantes. Por várias vezes, sua “amásia” passou noites tentando evitar que ele fizesse “besteiras”. A ameaça de suicídio era uma constante em sua vida: já chegou a sair de casa com as cordas nas mãos dizendo que ia se matar. Enforcar-se, estilhaçar-se, talvez morrer fosse a expressão maior de transformar-se em “CAVEIRA”, performance com a qual se identificava. “Quando ele deu o tiro, foi o

gemido (ou ganido”) mais horroroso que já presenciei em minha vida”, disse a testemunha.

Aqui se torna necessário recorrer à teoria para lembrar que todos nós, inevitavelmente, formamos uma auto-imagem a nosso respeito: é a maneira pela qual nos reconhecemos e de acordo com a qual agimos. Esta auto-imagem pode ser idealizada, ou seja, imagino-me muito melhor e maior do que realmente sou, imagino-me fantasiosamente como gostaria de ser e, sem perceber, busco agir de forma a atingir este ideal. Esta imagem pode ser também depreciada: imagino-me incapaz, pior do que sou e, também, despercebidamente, tenho atitudes que subestimam minha pessoa. Eventualmente, posso formar uma imagem denegrida de mim mesmo, identificando-me apenas com o aspecto negativo, mau, deteriorado de minha personalidade e, assim, serei este bicho a me perseguir.

Importante salientar que esta concepção de si mesmo é lentamente construída desde que o bebê, ainda bem pequenininho, olha nos olhos da pessoa que cuida dele e reconhece se é precioso, ou não, para esta pessoa; se está incluído no desejo dela. Quando pequena, a criança se vê através dos olhos dos outros, daí parte da importância das primeiras relações que a criança estabelece com o mundo. Mas o fundamental é que esta imagem que a pessoa faz de si mesma é dinâmica, mutável, às vezes sofre interferências do momento que ela vive, e pode ter mais uma faceta, ou seja, considero-me bom ou mau, capaz e incapaz, forte e frágil e defino-me com aquelas características que predominam sobre as outras.

Mas, retornando ao W. “Oxum Caveira”, podemos constatar que ele era mau não apenas consigo mesmo, como também tinha toda uma agressividade heterodirigida. Avançava nas pessoas, agredia-as, sendo portador de uma força física indescritível. Transformava-se em uma fera e as pessoas não conseguiam contê-lo. Chegou a quase matar sua tia, a quebrar as costelas do pai e a bater em um policial e outras tantas agressões infinitas. “Quando bebia, qualquer pessoa que se aproximasse para chamar sua atenção, ele queria matar”. Possuía um punhal que usava para assustar as pessoas. Mesmo grávida, sua amásia foi vítima de suas agressões. Destruía tudo, quebrava móveis, guarda-roupas, pratos, tudo o que via pela frente. Especialmente, quebrava todas as imagens de Santos que encontrava, rasgava Bíblias e engolia terços. A agressividade destrutiva explodia em atos incontidos e ilimitados.

Freud, o grande teorizador da Psicanálise, define o homem como um ser em conflito, onde forças antagônicas se chocam, onde a construção implica a destruição e o amor, o ódio. Duas energias contrárias regem sua conduta, as quais ele nomeia de pulsão de vida e pulsão de morte. A pulsão de vida, simbolizada por Eros, é aquela força que impele ao crescimento, à organização, à estabilidade, ao equilíbrio, à busca do prazer e da construção. Já a pulsão de morte, simbolizada por *Thanatos*, é aquela força destrutiva, excessivamente agressiva, que tende a levar o que é vivo para a morte. Essas duas pulsões são dois movimentos antagônicos, contraditórios, que fazem parte de qualquer indivíduo. O essencial, o que se faz condição para o bom funcionamento mental do sujeito, é que a pulsão de vida predomine sobre a pulsão de morte; que o amor supere o ódio; que a construção seja maior que a destruição e que a agressividade seja dosada e conduzida para fins produtivos, impelindo o ser humano à busca do crescimento e não à destruição do mundo, das coisas do mundo, das pessoas e, por que não, de si mesmo.

Completando o perfil de W. “Oxum Caveira”, pode-se nele observar, além de suas atitudes auto e heterodestrutivas, ainda atos ilícitos, voltados contra a “Lei dos Homens”, contra a moral que permeia os costumes humanos. Quando empossado de “Oxum Caveira”, W. roubava, ou melhor, tomava para si aquilo que era do outro. Roubava dinheiro, roubava carros, perfilava um série de mentiras, dissimulava, enganava, “falava coisas duras, para machucar, fazia e falava coisas que jamais falaria são”. Falava coisas, principalmente, que remontavam sua história e vida familiar, por onde se observa muito conflito.

No decorrer do desenvolvimento da criança, faz-se necessário que ela leve para dentro de si uma noção de lei, de regras a serem seguidas, de razão. Isto faz com que o ser humano consiga limitar a expressão de fortes pulsões inconscientes, faz com que o desejo encontre seu canal adequado de expressão. Com isto, a criança constrói para si um saber de que nem tudo se pode, nem tudo é possível, nem tudo é gozo e a frustração faz parte. Esta Lei ou esta certeza de que não posso, ou não devo é assimilada a partir de uma autoridade externa e que lentamente vai sendo introjetada. E, a partir daí, é bem provável que o indivíduo aprenda a controlar seus impulsos e a saber até onde pode ir naquilo que faz.

A bebida alcoólica, porém, tem a propriedade de relaxar, no indivíduo, este senso de razão e de liberar, dar vazão ao que se encontra submerso, ou reprimido pela nossa consciência, que é basicamente racional. É como se a bebida aflorasse aquilo que se mantinha enterrado, como se soltasse aquilo o que estava, de certo modo, preso e aquilo nosso que, de certa forma, nós não sabemos. “Quando passava a embriaguez, ele não se lembrava de nada do que tinha feito”.

Cada pessoa tem uma sensibilidade diferente para suportar os efeitos do álcool. Outros, passam a necessitar dos efeitos do álcool como se, de posse dele, pudessem se liberar e, isto tem um efeito catártico: alivia a tensão, fruto da força exercida para controlar impulsos que não devem se expressar. Assim sendo, bebe-se, apronta, faz-se tudo o que não devia, libera-se, alivia-se e, ainda, justifica-se: estava bêbado, não foi eu quem fiz, foi “Oxum Caveira”, por exemplo. Não se imagina, porém, é que “Oxum Caveira” faz parte de W., é um dos lados de uma mesma pessoa. E lado forte, poderoso, que não introjetou nenhuma espécie de Lei e que precisava da bebida para expressar-se, para abrir-se. “W. era muito fechado, não falava de si, não sabíamos o que se passava com ele, não se mostrava a ninguém”.

Então, seria W. um alcoólatra?

Para confirmar o diagnóstico de alcoolismo, têm-se em vista dois aspectos: a dependência orgânica e a dependência psicológica. A dependência orgânica é avaliada pelo nível de tolerância à bebida - o indivíduo necessita ingerir doses cada vez maiores para se obter o mesmo efeito - e pela síndrome de abstinência - mal-estar que o indivíduo sente quando se abstém do álcool. A dependência psicológica se caracteriza basicamente pela perda de controle e pela compulsão a beber, como se algo de ordem psíquica impelisse o sujeito a buscar a bebida. Para se definir alguém como “Alcoólatra”, o indivíduo tem que apresentar, pelo menos, dois desses sintomas.

Complicado, porém, dar-lhe um julgamento final: “Alcoólatra”! Síndrome de abstinência, era bem provável que ele não possuía, pois passava longos períodos sem fazer uso de bebidas, sem problemas orgânicos. Já o nível de tolerância à bebida fazia parte de seu quadro, uma vez que informações confirmam que ele chegava a beber um litro de whisky, no bico, de uma vez, até acabar. Ou seja, precisava, cada vez, de maior volume para chegar a ser “Oxum Caveira”. Isto também fala da perda do controle: não sabia a hora de parar ou o limite da bebida. A compulsão também ganha certa expressão, uma vez que a buscava diante de situações difíceis, conflituosas e como forma de ser “Oxum Caveira”.

Poderíamos, então, com este número suficiente de sintomas para definição do alcoolista, classificá-lo numa categoria denominada “Bebedor Periódico”, definido como aquele que consegue manter longos períodos de abstinência intercalados com períodos de excessiva bebida.

Muito bem, assim sendo, passaríamos então a uma outra questão. Não era constante a perda de controle de W. em seu uso de bebidas. Há a hipótese de que, mesmo durante o Curso de Formação de Soldados, ele a usava, porém em pequena dose, talvez até escondido de si mesmo. Há informações de que bebia “dose”- dosado - em um bar. Na sua formatura também bebeu, alegrou-se, comemorou e não se

embriagou: achou o limite. A questão que se coloca, então, neste momento reflexivo é: “o que levava W. a beber descontroladamente?” Ou ainda: “o que possibilitava a W. beber controladamente?” Não podemos nos satisfazer com sua definição de alcoólatra e aí justificar o ocorrido. Há que se indagar: “por que beber tanto”?

Em parte, é uma questão já respondida: bebia para liberar “Oxum Caveira”, para soltá-lo, solto, ele era uma ameaça externa contra si mesmo e contra os outros. Mas, e reprimido? Provavelmente, uma ameaça ainda maior a si mesmo, gerador de uma angústia insustentável. Um bicho enjaulado pode-se tornar ainda mais feroz e ameaçador do que aquele que vive solto.

Temos, ainda, duas falas importantes de W. a respeito de sua bebida: “Bebo por desgosto. Bebo por revolta”. **DESGOSTO E REVOLTA**, duas palavras bastante significativas e, inevitavelmente, é preciso recorrer à teoria psicanalítica infantil para buscar explicações.

O Complexo de Édipo, conflito este por qual todos irremediavelmente passam, fala de um intenso amor do menino por sua mãe, um gosto por ela que o leva a querê-la só para si e de um ódio pelo pai, um **DESGOSTO** (bebo por desgosto) tal por ele que o leva a desejar sua morte para que, então, possa possuir completamente sua mãe.

Concomitantemente a este ódio pelo pai, o menino também lhe tem sentimentos de afeto, de amor, de admiração. Instala-se aí o conflito e observamos que, desde a mais tenra idade, estamos lidando com estes pares opostos: amor é ódio, ser bom (amar) e ser mau (odiar, querer a morte). É profundamente angustiante para a criança amar e odiar a mesma pessoa, gostar e desgostar. A dissolução positiva deste conflito acontece quando o menino identifica-se com o pai e abre mão de sua mãe para, na vida adulta, ter sua mulher. Seria, assim, possível que os três convivessem harmoniosamente. O pai seria, então, aquele interditos primeiro que limita o desejo de criança, que funciona como Lei, como figura de autoridade.

Numa análise um tanto quanto superficial do nosso caso em questão, podemos observar que a dissolução deste complexo estava muito distante de se dar na vida de W.

Suas relações amorosas na vida adulta eram significativamente conturbadas. Envolvia-se com muitas mulheres, mas não conseguia formar par com nenhuma, além do que mais fortemente se ligava às mães: S. já era mãe de uma criança e E.M. mãe de três crianças. Podemos presumir que ele buscava reeditar sua história com a mãe, reedição última que resultou na morte literal, e não apenas fantasiosa daquele agente da Lei (figura da autoridade) que viera tentar lhe conter: “Todos que se aproximavam dele querendo chamar sua atenção, ele queria matar” afirmou sua amásia. Também o desejo do menino no Édipo é de matar o pai, pois este limita seu desejo.

“Bebo por revolta”, fala de sua não aceitação e de sua ré-volta, fazendo crescer sua porção agressiva, destrutiva, desenfreada: “Liga para minha mãe, peça a ela para vir me buscar.” “Vou fazer uma loucura, escreva um testamento para minha mãe dizendo que sou inexistente na vida dela”. Estas são as quase últimas palavras de W. no dia do crime e, com certeza, seu último pedido de socorro, selando aí sua “ré-volta” ao desejo infantil de possuir a mãe e sua “revolta” por não se encontrar existente, único e importante na vida dela.

Outros depoimentos vêm confirmar ainda mais esta idéia, mas presumo ser o momento de tentarmos articular tudo isto com um outro desejo na vida de W.: ser um PM. “Sempre quis ser um PM”. “Vou ser o primeiro lugar no Curso” e “Se um dia for expulso da Polícia, me suicido”. Estas são palavras de W. Mas por que ser um PM se transformou em questão de vida ou morte?

Podemos interpretar isto como a única saída encontrada por W. para seu conflito. Ser PM como o pai? Talvez sim. Mas, mais que isto: a lei, o limite é tão importante em nossas vidas, quanto o desejo. A lei é que nos permite dar contorno, dar forma, dar expressão de maneira adaptada aos nossos impulsos. Para W., ser polícia seria, talvez, a única maneira de se conseguir conter, manter preso “Oxum Caveira”, parcela grandiosa e tão ameaçadora de sua personalidade. É preciso que se entenda isto! Sendo PM, ele estaria submetido a uma série de normas, de regras que norteariam e delimitariam seu caminho. Melhor ainda, sendo PM ele se transformaria na própria lei e só esta lei poderia, então, sucumbir “Oxum Caveira”. Explica-se aqui porque tamanha aberração tenha passado tão despercebida por todos que conviveram com ele. “Oxum Caveira” fora mantido controlado sob esta lei gigante: PM.

Mas, mesmo incorporando a figura de autoridade, ainda assim, “Oxum Caveira” aparece, fruto de conflito afetivo com a amásia, e comete uma sucessão de atos não condizentes com a lei. Disto resulta sua punição e sua posterior remoção para B. Da suposição da punição, W. já ameaça: “vou dar baixa”, ou seja, “não suportarei ser interdito pela Lei”. Da punição, resta o apelo: “Prometo que isto não acontecerá mais, quero fazer carreira na PM”. Da ameaça de exclusão, reitera sua promessa: “Me suicido”. Traduzindo: “Sem lei não consigo mais conviver com Oxum Caveira”. Da remoção, resulta o seu distanciamento do Quartel, dos superiores hierárquicos, dos “pais autoridades” nos quais se amparava. E ele sabia de sua necessidade de permanecer na sede da unidade: “Se eles me mandarem para lá, vão se arrepender”. Na verdade, necessário era um Batalhão para lhe conter! Em B., Comandante de si mesmo, perdeu as rédeas. Com arma em punho, tornou real um desejo a ser simbolizado: matar o interdito!

“Se um dia for expulso da PM, suicido-me” Diante da fatalidade, não lhe sobrou outra alternativa.

Venceu “Oxum Caveira”, predominou pulsão de morte, imperou o ódio! W. teria escolhido assim? Feito sua opção pelo “mau”?

Toda esta análise visa mostrar que não. Ninguém faz opção de ser mau, perverso, de ser “Oxum Caveira”. O que somos é resultado de toda uma história de vida em que não passamos de um personagem, evidentemente de papel ativo, entre tantos personagens com os quais contracenamos. O fim da história depende do desenrolar da trama, ou melhor, depende da forma como cada um absorve as experiências pelas quais é sujeito e é sujeito, dizem, desde o útero materno.

Não existem, pois, culpados. Existe uma história triste em que o personagem principal não conseguiu mudar o seu desfecho. Existe uma tragédia em que o autor, quem sabe, tenha sido vítima de si mesmo.

AVALIAÇÃO

Importante salientar que, conforme fora apontado na análise do caso, não existem culpados. Mas, tamanha catástrofe que chegou a desmoronar dentro da Instituição não permite que esta se mantenha alienada do ocorrido. Necessário se faz compromissar com a questão e buscar possíveis falhas dentro da Corporação, falhas estas que permitiram o desenrolar dos acontecimentos até que se chegasse a uma tragédia.

Que fique claro que não se pretendem apontar responsáveis a serem punidos. Que fique claro que se pretendem apontar falhas funcionais a serem repensadas.

W., portador de distúrbios tão expressivos, jamais poderia ser um PM. Apesar dele ter idealizado a profissão como sua “tábua de salvação”, o porte de arma, certamente, sentenciaria sua desgraça, devido às características predominantes de sua personalidade. No mais, a Corporação é responsável pela ordem, pela segurança pública. Não poderia jamais submeter seu público a tamanho risco.

E W. entrou, subiu um a um os degraus que o levaram a integrar nosso Batalhão. Permitimos que ele aqui entrasse e permanecesse.

Reflitamos!

O primeiro degrau de um candidato é a entrevista com o PRS. Como estão sendo feitas as entrevistas? Seria necessária uma remodelagem, ou, seria necessário que o profissional de recrutamento e seleção recebesse um treinamento que o capacitasse a recrutar com maior precisão?

Um segundo degrau no qual ele poderia ter sido barrado, foi o levantamento feito pela P/2 de sua vida. Sua ficha diz que nada fora constatado que o impedisse de entrar para a Corporação. Necessário, então, rever o trabalho da P/2? Um candidato com o passado manchado, como as pesquisas posteriores vieram a confirmar, e nada se constata? Um familiar chega a confessar que, se interrogado fosse, seria contrário à idéia de sua inclusão. Há que se identificar os pontos de estrangulamento na confecção das fichas de investigação social, senão de nada adianta tão difícil e arriscado trabalho desenvolvido pelos agentes da P/2.

Em terceiro lugar, W. passa pela entrevista com Oficiais que, geralmente, já têm certo conhecimento da ficha do candidato. E por este filtro W. também conseguiu passar.

O Exame Psicológico é um instrumento de avaliação e comparação entre candidatos a uma vaga quando, por vezes, se tem a oportunidade de perceber a estrutura de personalidade do indivíduo e que tem a propriedade de avaliar o momento psicológico no qual se encontra o candidato. Como W. encontrava-se, na época do exame, imbuído de um ideal que o fortaleceu racionalmente, o teste apura sua dificuldade em exercer controle sobre seus impulsos e verifica que sua agressividade e impulsividade estavam, no momento, controladas. Como era candidato com bom nível intelectual e com potencial criativo, foi aprovado com bom conceito.

Aprovado nos exames, vence o primeiro lance da escadaria e passa, então, a frequentar o curso. Talvez, durante o curso, fosse realmente impossível perceber qualquer desvio em W., uma vez que ele estava naquela sede insaciável de introjetar leis, regras. Como todos diziam: “era muito enquadrado, disciplinado”. Na ocasião do curso, talvez houvesse apenas uma forma de se detectar algo: um acompanhamento psicológico. Na simples relação de professor/aluno, tendo em vista toda a complexidade do “Caso W”, fora impossível para a psicóloga perceber algo. Isto também precisa ser corrigido e necessário é que se reserve um tempo maior para dedicação da oficial psicóloga à Cia Escola.

Depois de integrado como Sd de primeira classe, W. deu o primeiro aviso, o primeiro sinal, que resultou na sindicância que não o excluiu, mas o puniu disciplinarmente e o removeu para o Distrito B. Fácil entender também a dificuldade do sindicante em dar seu parecer diante de tantas faltas subseqüentes que se chocavam completamente com a imagem do policial modelo e vibrador que, até então, W. sustentava.

Equívoco talvez tenha sido sua remoção para uma fração PM de apenas um soldado e um cabo onde, de certa forma, ele não teria “autoridade para comandá-lo”. Mister se faz também refletir sobre a remoção por punição, que difere, em alguns aspectos, da remoção por haver o policial ali, naquela localidade, comprometido sua imagem e a da Corporação. São palavras de revolta da viúva da vítima: “Passamos tanto tempo prejudicados pelo pequeno número de militares aqui e, quando a polícia manda alguém para cá, manda por castigo?” Em outras palavras ela quis dizer “o infrator veio cumprir sua pena aqui”? O que nós temos a ver com isto?”

É preciso estar atento às pequenas nuances apresentadas pela tropa. O “militar problema” capaz de atitudes impensadas e descontroladas revela um certo desequilíbrio sobre si. Necessita, então, mais que ser punido através da remoção para um lugarejo qualquer, ser cautelosamente comandado por um oficial observador e competente em sua função.

W. sabia que não daria conta de se manter saudável naquele lugar sem a presença de uma autoridade externa. E mais, num lugar de vida ociosa para um militar solteiro, onde ele não encontraria nenhum canal positivo para fazer escoar toda sua energia. Por isto relutou tanto a ir! E promete: “Eles vão se arrepender”. W. sabia do que era capaz, ou melhor, do que não era capaz de controlar em si.

Em B. também a PM falhou. Lá W. permaneceu 14 dias literalmente aprontando. Foi com a recomendação de um relatório mensal do Cmt de Fração sobre seu comportamento e, durante estes 14 dias, informação nenhuma de seu comportamento chegou à Unidade.

Depoimentos falam de um militar com alarmantes dívidas, resultado de excessivo uso de bebida alcoólica. Falam de um militar indevidamente trajado com short de banho, camisa amarrada na cabeça, descalço e revólver na cintura assombrando as ruas do lugarejo. Falam, ainda, de um militar que teria atirado na cabeça de uma vaca, quando solicitado para ajudar a matá-la. Por que nenhuma denúncia fora feita? Por que permitiram que assim procedesse sem buscar suporte na sede da Unidade?

É em direção a este rosário de falhas que devemos, todos, concentrar a atenção: ser paternalista, permissivo, dar crédito a um feitor de promessa que não sabemos se terá condições emocionais para cumprilas, ser omissos... e tantas mais que não combinam com a seriedade da Instituição.

Para um bom funcionamento institucional, é fundamental comungarmos da ideologia do Comando, renovando o “compromisso com o resultado” do nosso trabalho, para que possamos, com sucesso, apreciar o “resultado do nosso compromisso”.

CONCLUSÃO

A Polícia Militar, Instituição composta por homens, cada vez mais necessita abrir suas portas para conhecer profundamente este ser que, tão costumeiramente, surpreende, revela, espanta.

O dramático acontecimento em B. deixou perplexidade, múltiplas dúvidas, porém, a certeza de que precisamos olhar e ver, escutar e ouvir e nos comprometer. Não se sustenta mais a alienação, não há mais espaço para caminhar com passos em ré.

Assim, este trabalho se dedicou, mais do que a tentar fechar quaisquer questões a respeito do ocorrido, dedicou-se essencialmente a incomodar. Incomodar a todos nós que corremos o risco de, em breve, esquecer-nos da monstruosidade que se operou... esquecer-nos de que um militar matou outro militar, que um militar se matou!

Matou e morreu, morreu e matou porque era “problemático”? Outros tantos assim não podem estar batendo às nossas portas, entrando e, aqui, avisando-nos, cada um a sua maneira, de que está prestes a cometer uma “loucura”? Estamos atentos a isto?

Este estudo terá atingido seus objetivos primeiros se, todo aquele que o ler, angustiar-se, inquietar-se, mexer na cadeira e buscar, então, mudar de posição!

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao Estudo das Perversões**. Teoria do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

EY, Henry - **Manual de Psiquiatria**. São Paulo: Editora Masson do Brasil Ltda, 1978.

3. FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 135-228: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud), 7.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber**. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 188-203: Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud), 12.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1979. A Dissolução do Complexo de Édipo. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud), 19.